

Almanaque do Futuro

EXPERIENCIAS MOTIVADORAS PARA UM MUNDO MELHOR

Experiencia motivadora No. 2

A photograph showing four women sitting on a grassy hillside. They are dressed in traditional clothing, including hats and shawls. They are looking at documents or maps spread out on the ground in front of them. The scene is outdoors, with a blurred background of trees and foliage.

Gestão
do território



Antes e agora

A expansão indiscriminada da fronteira agrícola para as áreas de páramo coloca em risco o suprimento de água de toda uma população. Diante dessa situação, a comunidade de Chilco teve que mudar sua lógica na gestão territorial, limitando o acesso ao páramo e restaurando os colchões de água. Essa decisão estratégica na gestão de seu território ajudou a consolidar as economias familiares da comunidade.

Costumava parecer uma caveira

A região de Angochagua no interior de Ibarra, nos Andes equatorianos chama a atenção para a beleza de suas paisagens. A área não mudou muito desde a época da colonização. Latifúndios ocupam quase todo o território nos vales, exercendo a propriedade até sobre a água que desce dos paramos em córregos e rios. As famílias camponesas, que durante a era colonial viviam em uma quase escravidão, se assentaram nas encostas das montanhas, onde mantiveram fazendas de grande altitude, a 2.500 metros de altura. A comunidade quéchua de Chilco foi pioneira no aproveitamento de seu páramo (setor no topo das montanhas), área ecológica tão frágil quanto importante para o abastecimento de água para consumo humano e atividades agrícolas e pecuárias.

Em 2004, começou uma seca que durou 25 meses e as poucas vertentes, devido ao pastoreio e expansão da fronteira agrícola para o páramo, reduziram seus fluxos até o ponto de não serem capazes de fornecer água para consumo humano.

O cenário desta situação ainda está presente na memória da comunidade: desnutrição infantil e escassez de comida, migração para a cidade, animais magros e solos empoeirados. Havia chegado o momento em que as autoridades e a própria comunidade tiveram que tomar decisões e ações para enfrentar o problema.

Mudança de rumo

Com o apoio da Fundação Cultural Social Ibarra, a comunidade, confrontada com a situação insustentável e dramática, optou por uma mudança de curso. Foi feita uma visita de intercâmbio às comunidades camponesas que já tinham mais experiência na conservação de páramos. Então foi dado o passo talvez mais conflituoso para a comunidade, que foi a remoção de animais (entre vacas, ovelhas e cavalos) do páramo. Entre 2006 e 2007 se formaram 20 comitêes de membros da comunidade, que forçaram as famílias da comunidade que ainda seguiam com a prática de pastoreio no páramo, a remover seus animais da área. A decisão que a comunidade tinha feito significava para muitas famílias reduzir o número de seus animais já que por consenso não poderiam mais levar o gado para pastar no páramo.



Participação plena das mulheres

Manuel Aparicio Escola, guarda-florestal comunitário de Chilco lembra: “Nosso deserto era puro barranco, pura pedra. O páramo estava acabado. Nossos animais e até as pessoas estavam morrendo por falta de água. Não entendíamos por que era importante não criar animais no páramo; bebíamos água contaminada”.

Clara Lechón, da comunidade de Chilco complementa: “Nós costumávamos ter mais vacas, ovelhas e cavalos, mas não tínhamos água, e nos chamavam de índios sujos”.



Danos do pastoreio (Fonte: José Obando)

O páramo é um recurso precioso que modera os fluxos de água, absorve a água e atua como uma esponja quando chove, a soltando lentamente ao longo de do ano; isso ajuda a reduzir as inundações e a ter água durante a seca.

Saber que os páramos têm pouca capacidade para recuperar seu status natural (baixa resiliência) e baixa capacidade para se adaptar aos impactos que os afetam, são razões pelas quais eles são considerados como ecossistemas altamente vulneráveis.

A capacidade de retenção de água é reversível até certo ponto, após a seca é irreversível, uma vez que os impactos mudam as características dos frágeis solos do páramo.

(Sistematização “Páramo de Chilco: uma história a contar”. Fundação Social Cultural Ibarra, 2012)

Uma vez que o páramo foi fechado para qualquer atividade agrícola ou pecuária, foi iniciada a formação de um viveiro florestal para produzir mudas de amieiras, espécies nativas do páramo. Através de mais de 25 mingas (jornadas de trabalho comunitário) com participação das 40 famílias da comunidade, foi possível re-florestar 45 hectares do páramo, plantando 27 mil árvores.

O exemplo do páramo de Chilco fez escola. O Conselho Paroquial de Angochagua, formado pela comunidade de Chilco e mais outras cinco comunidades, passou a apoiar com recursos públicos o trabalho dos guardas-florestais comunitários; os governos regional e provincial adotaram o fechamento do páramo de Chilco como referência para promover o uso adequado do habitat dos paramos



Regeneração da vegetação do páramo



Reflorestando (Fonte: José Obando)



Páramo restituído (Fonte: José Obando)

Balanço favorável

8 anos após a recuperação do páramo há boas notícias. O fluxo da vertente principal que fornece água potável aumentou de 0,5 para mais de 4 litros por segundo, garantindo suficiente água de qualidade para toda a comunidade, seus cultivos e seus animais. A vegetação natural do páramo foi regenerada, atingindo novamente um comprimento de fibra de até um metro e meio. A flora e a fauna típicas do páramo voltaram. A umidade na profundidade do solo, que caiu para menos de meio metro, atinge novamente 3 e até 4 metros.

Durante uma reunião informal em pleno páramo, María Juana Ilichon, María Cecilia e María Helena Sandoval, Lucila Matilde Pilataxi e Clara Lechón falam sobre a situação atual:

“Agora temos menos animais, mas temos água limpa; três ou quatro vacas é pouco, mas é melhor assim”.

“Com água para irrigação podemos alimentar os animais e arrendamos a terra com grama para vizinhos que têm mais animais”.

“Agora estamos felizes com a nossa floresta no páramo. Vamos lá para organizar o turismo no páramo, sem destruir, mas abrir trilhas”.



Voltaram também os animais nativos como o condor, pássaro mítico com alto valor cultural que há trinta anos os camponeses não a viam voar na região, além das corujas, raposas, coelhos, gaviões, lobos, entre outros.

Mensagens para o futuro

- Compreender o ecossistema e mudar nossas práticas para melhorar nossa vida diária e influenciar a política dos governos.
- A projeção produtiva abandonou a lógica extrativista predatória e de curto prazo, alcançando, com a reorientação da gestão de sua sustentabilidade territorial, maiores benefícios e a redução de externalidades (danos) ambientais.
- A redução da fronteira agrícola, bem como do número de animais maiores (parcialmente compensados por animais menores), permitiu melhorar e estabilizar a qualidade de vida do coletivo.

Texto: foi elaborado, com base em conversas no local por Jorge Krekeler, assessor de Misereor e consensuado com as pessoas visitadas. Agradecemos, por representação, a Manuel Aparicio Escola, guarda-florestal comunitário de Chilco e José Obando e sua equipe da Fundação Social Cultural Ibarra.

Almanaque do Futuro

EXPERIENCIAS MOTIVADORAS PARA UM MUNDO MELHOR

Autor: **Jorge Krekeler**, jorge.krekeler@scbbs.net asSesor de Misereor

Tradução: **Pedro P. Bocca**

Design: **Diana Patricia Montealegre** / Fotografias: **José Obando/
Jorge Krekeler**

Dados de contato sobre a experiência documentada: **José Obando**,

Email: scultural@gmail.com

Edição: outubro de 2015

Toda reprodução autorizada citando a fonte

Com o apoio de:

MISEREOR
● IHR HILFSWERK